

CÍRCULO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL SUL
Jornada Psicanalítica: 02 06 2011, Porto Alegre

ANTES DE MELANIE KLEIN, VIVENCIAR FREUD

Magda M. Colao¹

Resumo: Enfrentar desafios, correr riscos, automaticamente é situação que ocorre em todas as estruturas psíquicas. Com estados ansiogênicos de maior ou menor grau, a ansiedade desfila em várias circunstâncias. Noções do psiquismo para Melanie Klein. O que diz Freud sobre a essência da psicanálise?

Palavras-chave: Melanie Klein, posição paranóide, posição depressiva, posição esquizoparanóide.

Introdução

Como era de se esperar, experimentei o amargo da ambivalência de penetrar no silêncio interior e decidir: escrever sobre Melanie Klein ou redigir minhas compreensões sobre Freud? Ambivalência é a presença simultânea, na relação com um objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio. [...] o sujeito quer ao mesmo tempo comer e não comer, por exemplo. Intelectualmente “o sujeito enuncia simultaneamente uma proposição e o seu contrário”, Laplanche e Pontalis². Enfim, ambos os temas visitados foram-me desafiadores com instigantes contradições, as quais penetrantes tanto para minha pulsão de ego quanto para minha pulsão sexual e gestando aí, o perigo de contrair uma ansiedade. Porém opto por enfrentar a realidade. Ansiedade em Freud³ “significa uma fuga do ego para longe de sua libido” Aqui segundo Freud⁴ “ não há absolutamente lugar para ansiedade; tudo o que acontece seria conseguido tão bem e provavelmente melhor, se não tivesse surgido ansiedade.”, Afirma Freud⁵ “os neuróticos, em particular, sofrem de ansiedade tanto mais e tão mais intensamente do que outras pessoas e a ansiedade é um ponto nodal para a qual convergem as mais diversas e importantes questões, um enigma cuja solução deverá inundar de luz toda nossa existência mental.” Então ao dar-me conta do afeto que está revelado pela ambivalência vejo em Freud⁶ que afeto num sentido dinâmico “é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer”.

Ao retomar então a categoria ambivalência esta “pode conotar todas as espécies de atitudes conflituais de maneira vaga. [...] ambivalência do amor e do ódio se explicaria pelas

¹Doutora em Educação pela UFRGS, Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais, Saúde e Educação. Psicóloga, Psicopedagoga, Pedagoga, Orientadora educacional. Candidata em formação no Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

² LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P.17.

³ FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte II) [191-1917]. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XVI p.472

⁴ FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte II) [191-1917]. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. V. XVI. idem p.460.

⁵ FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte II) [191-1917]. Idem p. 458.

⁶ FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte II) [191-1917]. Idem p.461.

suas evoluções específicas: o ódio encontra a sua origem em pulsões de autoconervação; o amor encontra a sua origem nas pulsões sexuais ... dualismo pulsional”⁷. O ódio em “ter que” x o amor pelo conhecimento, curiosidade, desejo de conhecer. Na tentativa de solucionar esta minha conflituosa arrisco, edificar um *mix* de ensaio das vivências obtidas nos seminários de Freud e Melanie Klein, registrando minhas primeiras percepções acerca de alguns primórdios históricos sobre Melanie Klein.

Curiosidades circunstanciais acerca do mundo de Melanie Reizes Klein

Freud gerou a psicanálise praticamente sozinho, sendo somente a partir de 1906 que ele concluiu o período de seu “ esplêndido isolamento” e passou a reunir-se na sua sala de espera com o seleto grupo de brilhantes colaboradores – Abraham, Ferenzci, Rank, Steckel, Sachs, Jung, Adler e assim começaram as famosas ‘reuniões das quartas feiras’ que mais tarde, instituíram a Sociedade Psicanalítica de Viena. Lá pelo finalzinho da década de 20 desponta

as revolucionárias concepções de M. Klein, as quais amparadas na sua prática de análise com crianças de muito pouca idade, convergem para uma posição essencialmente “*seio-cêntrica*”. A escola Kleiniana valorizou, sobretudo a existência de um ego primitivo, já desde o nascimento, a fim de que este mobilizasse defesas arcaicas (dissociações, projeções, negação onipotente, idealização, etc) para contrarrestar as terríveis ansiedades primitivas advindas da – inata – pulsão de morte, isto é, da inveja primária, com as respectivas fantasias inconscientes. Talvez para não se comprometer politicamente, M. Klein conservou o complexo de Édipo como eixo central da psicanálise, porém o fez recuar para os primórdios da vida, assim descaracterizando o enfoque triangular edípico, medular na obra freudiana. ZIMERMAN⁸.

M. Klein foi a primeira psicanalista européia a tornar-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. A título de curiosidade, a segunda psicanalista é a psiquiatra Paula Glatzko (Heimann) a qual ao ingressar como membro na Sociedade Britânica de Psicanálise foi analisada por M. Klein em 1935 e tem legado teórico sobre a categoria da contratransferência. Klein teve a principal influência nesta sociedade.

Logo após a morte de Freud, em 1939, a Sociedade Britânica de Psicanálise tornou-se palco de violentos debates. Irromperam controvérsias sobre o *status* das idéias introduzidas na psicanálise por Melanie Klein; em que extensão essas idéias divergiam das proposições básicas de Freud e o que deveria ser feito a respeito? Embora as discordâncias centrais recaíssem sobre a teoria e a técnica, estavam igualmente em jogo o poder e a futura organização da sociedade, ao lado de questões centrais sobre a difusão e a transmissão da psicanálise. KING & STEINER⁹

O biógrafo de Melanie Klein, Phyllis Grosskurth¹⁰ ao iniciar sua obra: **O mundo e a obra de Melanie Klein** escreve as primeiras palavras que Melanie Klein ouviu Freud pronunciar:

Nunca nos vangloriamos de possuir um saber e uma capacidade definitivos e completos. Estamos tão dispostos agora quanto estávamos antes reconhecer as falhas de nosso conhecimento, a aprender coisas novas e a modificar nossos métodos de qualquer forma que possa aperfeiçoá-los. Sigmund Freud, Linhas de Desenvolvimento em Terapia psicanalítica (1919).

Conta Grosskurth¹¹ que pouquíssimas mulheres foram submetidas em sua prática social, “a tanta maldade destilada e a tantos boatos aceitos como fatos quanto os que Melanie Klein enfrentou

⁷LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. Op. Cit. p.18.

⁸ZIMERMAN, David. Fundamentos psicanalíticos. Porto Alegre: Atmed, 1999, p.26.

⁹KING, Pearl & STEINER, Riccardo. As controvérsias Freud-Klein 1941-45. Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.

¹⁰GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.7. [palavras de Freud]

¹¹GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Op. Cit. p.12.

quando era viva e depois da morta”. Mulher com mentalidade avançada, defensora da verdade mesmo em seus aspectos desagradáveis mostrou-se dialética.

Melanie Klein possuía a essência de que são feitos os mitos. Aparentemente misteriosa sobre seu passado, inabalavelmente confiante em relação a seu presente, sua própria pessoa provocava especulações e suspeita. [...] A partir do momento em que leu o artigo de Freud Sobre os sonhos (1901), ficou encantada, converteu-se e dedicou-se à psicanálise. Fascinada pelo conceito de inconsciente, seguiu seu chamariz sedutor até as profundezas especulativas, das quais até mesmo Freud se afastou. Esse foi seu crime: por ter ousado separar-se e seguir seu próprio caminho de investigação, foi estigmatizada, difamada e redicularizada. Ao atacarem a mulher, seus detratores buscavam depreciar sua contribuição para o conhecimento da psique, comenta Grosskurth¹².

“Figura um tanto exótica [...], divorciada em uma época em que o divórcio ainda possuía aura de escândalo, tornou-se inevitavelmente objeto de mexericos. O que fizera com o marido? – perguntavam. Até hoje circula uma história grosseira de que ela o devorou”, destaca Grosskurth¹³.

Melanie Reizes nasceu em Viena em 30 de março de 1882, em berço judeu. Seu pai exercia medicina na capital austríaca, provavelmente, malsucedido, porque segundo Petot¹⁴ encontrava-se “desprovido de títulos universitários de prestígio, e por cima, judeu” Então, era difícil garantir uma clientela. Quando nasceu Melanie se upaitinha 50 anos. Era rejeitada pelo pai e pela mãe. Quando ouvia sua mãe dizer que sua irmã Sidonie era a mais bonita da família, tinha de afirmar-se, em vista do fato de que a mãe lhe expressava que não fora desejada. “O pai expressava abertamente sua preferência por Emilie e Emanuel era considerado uma espécie de gênio. Sidonie deve ter sido o centro das atenções da família, Grosskurth¹⁵”. Melanie lembra, é da bondade da sua irmã Sidonie para com ela. Seus irmãos sentiam grande prazer em implicar com a pequena Melanie chamando-a de nomes geográficos difíceis. Como Popocatepetl. A irmã com tuberculose sentia pena da irmã e ensina-lhe as noções de aritmética e leitura. Melanie durante seus primeiros anos de vida apegou-se à sua mãe. Com quatro anos ao perder sua irmã Sidonie, faz sua “primeira de uma longa série de mortes que pontuaram sua vida, cada uma delas reativando o medo, a dor e a perplexidade [...]. Melanie está claramente reprimindo um medo profundo de uma doença que foi inculcado nela desde o começo da infância” relata Grosskurth¹⁶. Sidonie foi continente em sua oralidade e letramento. Ambas vivendo e recriando espaços de memória ..., tramando o jogo da vida. Melanie nos conta:

É bem possível que eu a idealizei um pouco [...] mas minha impressão é de que se ela tivesse vivido, teríamos sido as maiores amigas e ainda tenho um sentimento de gratidão por ela ter satisfeito minhas necessidades intelectuais, ainda mais porque creio que ela estava muito doente na época [...] Tenho a impressão de que nunca me recuperei totalmente do sentimento de pesar pela morte dela. Também sofria pela dor que minha mãe manifestava, ao passo que meu pai era mais controlado. Lembro-me de que eu sentia que minha mãe precisava ainda mais de mim, agora que Sidonie se fora, e é provável que parte do mimo se tenha devido a eu ter de substituir essa criança. GROSSKURTH¹⁷.

“O psiquismo, a vida emocional da criança, as defesas iniciais formadas sob pressão do conflito entre amor, ódio e culpa e as vicissitudes das identificações da criança – todos

¹² GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Op. Cit. p.15.

¹³ GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Idem p.16.

¹⁴ PETOT, Jean- Michel. Melanie Klein I.2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p.1.

¹⁵ GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Op. Cit. p.27.

¹⁶ GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. ibidem p.27.

¹⁷ Ibidem. p.27.

estes são tópicos que podem perfeitamente ocupar a investigação analítica por muito tempo”. KLEIN¹⁸

O campo de descobertas Kleinianas se abre, a partir de uma técnica inovadora: incluir o jogo infantil como maneira de facilitar, em seus pequenos pacientes, a expressão de fantasias e conflitos inconscientes [...] O objetivo é analisar os conflitos e fantasias inconscientes, o método é explorar sistematicamente a transferência.

Como Klein sustentou a importância que as fantasias, tanto agressivas como libidinais, têm no desenvolvimento mental, sua consequência lógica é supor que, no vínculo como analista, produzir-se-ão tanto sentimentos amorosos como hostis, pelo que seria necessário interpretar, sistematicamente, a transferência positiva e a negativa, para que o paciente possa chegar perto da compreensão de sua realidade psíquica, sustenta Bleichamar & Bleichamar¹⁹.

Diz Melanie Klein²⁰: “descobri que certas mudanças de ênfase e de relações temporais eram inevitáveis. Assim, vim a diferenciar entre duas fases principais nos primeiros seis a oito meses de vida, descrevendo-as como a ‘posição paranóide’ e a ‘posição depressiva’”.

A **Posição Paranóide** é um termo utilizado por Klein em 1932. Designa um estágio no qual os impulsos destrutivos e as ansiedades persecutórias preponderam, e se alonga do nascimento até os 3, 4 ou mesmo 5 meses de vida. “Isso requer uma alteração ao datar a fase quando o sadismo se encontra no auge, mas não envolve uma mudança de visão com respeito à íntima interação entre sadismo e a ansiedade persecutória em seus pontos máximos”, constata Klein²¹. O que vem a ser no real? Por exemplo, os bebês são propensos a crises de cólera e de angústia. A criança com medos e terrores noturnos instala “num círculo vicioso, porquanto são sustentados por fantasias inconscientes em que o medo do objeto mau se mistura aos ataques contra o objeto”²². Ou seja, os sintomas das crianças para Klein denotam “expressão de angústia intensa em relação com sua própria agressividade para com as pessoas importantes amadas de seu *entourage*. O conflito aqui em jogo corresponde a uma versão infantil precoce do conflito em relação ao superego descrito por Freud”²³. Klein fundamentou sua análise em sintomas que brotaram nos primeiros momentos da infância (antes de um aninho), enunciando assim a hipótese de uma constituição precoce do superego.

A **Posição Depressiva** segue o estágio anterior e está ligado a passos importantes do desenvolvimento do ego, estabelecendo-se por volta da metade do 1º ano de vida. “Nesse estágio, os impulsos e fantasiassádicos, bem como ansiedade persecutória, perdem seu poder. O bebê introjeta o objeto como um todo [...]. Amor e ódio se aproximam em sua mente e isso leva à ansiedade de que o objeto interno e externo, esteja danificado ou destruído” diz Klein²⁴. Com esta introdução do conceito de posição depressiva foi verificado “que as crises de terror nas crianças e em adultos estavam ligadas à objetos internos. Mais tarde, a descrição da posição esquizoparanóide permitiu dar uma imagem mais detalhada desses estados persecutórios internos”²⁵.

Na **Posição Esquizoparanóide**, as experiências iniciais do bebê são clivadas em duas: às experiências totalmente boas corresponde o objeto ‘bom’, às experiências totalmente más, o objeto ‘mau’.

Para se proteger contra os maus objetos, o Ego recorre a um mecanismo de clivagem que se produz no interior dele próprio. Essa noção aparece pela primeira vez em 1946.

¹⁸ KLEIN, Melanie apud GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. p.283.

¹⁹ BLEICHMAR, Norberto & BLEICHMAR, Celia L. A psicanálise depois de Freud. Teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p.111.

²⁰ KLEIN, Melanie. A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.17.

²¹ KLEIN, M. Ibidem, p.17.

²² MIJOLLA, Alain. Dicionário internacional da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.1399.

²³ MIJOLLA, A. Ibidem p. 13999.

²⁴ KLEIN, Melanie. A psicanálise de criança. Op. Cit. p. 17.

²⁵ MIJOLLA, A. Dicionário internacional da psicanálise. Op. Cit. p.1400.

[...] Essa dinâmica precoce entre os processos de desintegração e de integração representa, para Melanie Klein, o conflito que opõe as pulsões de vida e as pulsões de morte. Nesse caso, a situação ansiogênica fundamental é o temor de ser destruído desse interior. MIJOLLA²⁶

Ao temer ser destruído, o ego reorganiza o seu mundo interno e seus objetos. Este tipo de angústia para Klein estabelece a angústia.

Por contraste, o bebê cujo desenvolvimento segue curso normal pode sobreviver soçobrar na crença de que está irremediavelmente fragmentado. Ele dispõe habitualmente de diversos meios que lhe permitem dominar suficientemente essa angústia, a começar por um certo nº de modos de defesa primitivos – clivagem, projeção, introjeção, identificação, desmentido (aniquilação) e idealização. MIJOLLA²⁷.

Então, reportando-me ao início deste trabalho, a pulsão de morte fantasiada no inconsciente, que se expressa como angústia, sentida como ambivalência, agindo no interior da motivação orgânica, não deixou de ser um fragmento projetado no exterior – texto- o qual, saldado no processo deste ato de expressão, o sabor incorporado do objeto bom. Vivenciar um recurso egóico que permitiu-me lutar contra a angústia do despedaçamento, a ansiedade e elaborar este ensaio com olhos ao determinismo psíquico visitando Melanie Klein. Enfim diz Pascal²⁸ : “ o coração tem razões, que a razão não conhece: percebe-se isso em mil coisas. Digo que o coração ama”. E, Freud ao dizer: “nada se dá por acaso, tudo tem razão de ser” [...] numa carta a Jung registra: “²⁹ A psicanálise é , em essência, uma cura pelo amor”. Vamos aos desafios!

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. Freud e a alma humana. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BLEICHMAR, Norberto & BLEICHMAR, Celia L. A psicanálise depois de Freud. Teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte II) [191-1917]. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XVI.
- GROSSKURTH, Phyllis. O mundo e a obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KING, Pearl & STEINER, Riccardo. As controvérsias Freud-Klein 1941-45. Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.
- KLEIN, Melanie. A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MIJOLLA, Alain. Dicionário internacional da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- PASCAL, Blaise. Os pensadores. Pascal. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- PETOT, Jean- Michel. Melanie Klein I. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ZIMERMAN, David. Fundamentos psicanalíticos. Porto Alegre: Atmed, 1999.

²⁶MIJOLLA. ibidem p.1400.

²⁷MIJOLLA, A. Dicionário internacional da psicanálise. Idem p. 1400.

²⁸ PASCAL, Blaise. Os pensadores – Pascal. São Paulo: Nova Cultural, 2005. p.104.

²⁹ FREUD, apud BETTELHEIM, Bruno. Freud e a alma humana. São Paulo: Cultrix, 1982, p.5.